

Imigrantes Africanos e Haitianos no Oeste e Sudoeste do Paraná no século XXI

African and Haitian immigrants in the western and southwestern regions of Paraná in the 21st century

Antonio de Padua Bosi*

<https://orcid.org/0000-0002-0733-1780>

Fagner Gulhielmi Pereira**

<https://orcid.org/0000-0001-6179-7218>

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a presença de haitianos e africanos empregados em frigoríficos nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná durante o período de 1990 a 2020. A ideia inicial que organiza essa proposta pressupõe que migrar não é simplesmente deslocar-se de um lugar para outro, mas implica ter expectativas positivas de encontrar trabalho e de melhorar a vida. Pressupõe também perder laços de sociabilidade, relações de afetividade e os lugares onde se produziu a memória, os costumes e tudo que constitui os imigrantes de que trata este projeto. Imigrantes esperam conseguir emprego e criar estratégias que os ajudem a sobreviver em contextos culturais diferentes aos seus costumes, práticas e crenças.

Palavras chave: Imigrantes; Haitianos; Africanos.

Abstract

This article intends to discuss the presence of Haitians and Africans employed in slaughterhouses in the West and Southwest regions of Paraná State during the period from 1990s to 2020s. The first idea organizing that proposal it presupposes that emigrate is not simply moving from one place to another place. But implies having positive expectations of finding work and improving life. It also presupposes losing ties of sociability, affective relationships, and the places where memory, patterns and everything that constitutes the immigrants with this project were produced. Immigrants hope to find jobs and create strategies different from their patterns, social practices and communities.

Key word: Immigrants; Haitians; Africans.

*Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: antonio_bosi@hotmail.com

**Doutor em História pela UNIOESTE. E-mail: fagnergulhielmipereira@gmail.com

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir a presença de africanos e haitianos nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná utilizando como chave de análise histórica a experiência de viver e trabalhar na condição de imigrante.

Esta abordagem não é inédita nem recente. Ela conta com estudos considerados clássicos na literatura acadêmica, diversos relatórios e censos de autoria institucional (Organização Internacional do Trabalho, Nações Unidas, Observatório das Migrações Internacionais etc.) e pesquisas focadas regionalmente que têm documentado e reconhecido a importância da migração internacional nos últimos cinquenta anos. Tal relevância pode ser notada principalmente no lastro interdisciplinar deixado por publicações sobre esse tema caracterizado por ampla variedade de questões. Cito algumas para exemplificar.

Além das pesquisas especificamente orientadas para recensear a mobilidade humana no planeta, há estudos que discutem a estratificação dos migrantes em faixa etária, gênero, condição social, escolaridade etc.¹, renda e remessa de dinheiro para familiares que ficaram², formas de ingresso no país³, acolhimento⁴, a legislação responsável pela concessão de vistos⁵, a influência das religiões na constituição de identidades sociais⁶, diversidade cultural e

¹ JADOTTE, Evans. International migration, remittances and Labour supply: the case of Republica Haiti. Research Paper. May 2009. Disponível: <https://ideas.repec.org/p/unu/wpaper/rp2009-28.html>. Acesso: 4 mai. 2018.

² OROZCO, Manuel. Understanding the remittances economy in Haiti. *Inter-American Dialogue*. Paper commissioned by the World Bank. March 15, 2006; RAPOPORT, H. & DOCQUIER, F. The Economics of Migrants' Remittances. Discussion Paper No. 1531 March 2005. Bonn, Germany. IZA - Institute of Labor Economics. Disponível <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/21307/1/dp1531.pdf>. Acesso mar. 2018.

³ SILVA, S.A. Brazil, a new Eldorado for Immigrants?: The Case of Haitians and the Brazilian Immigration Policy. In *Urbanities - Journal of Urban Ethnography*. Vol. 3, No. 2., November, 2013. Disponível em http://www.anthrojournalurbanities.com/docs/tableofcontents_5/2-Sidney%20Antonio%20da%20Silva.pdf Acesso 12 abr. 2016.

⁴ DIEME, Kassoum, Imigração haitiana e política de acolhimento institucional na cidade de São Paulo: 2010-2015. (Dissertação). Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. 2016.

⁵ SILVA, J. Por razões humanitárias: cidadanias, políticas públicas e sensibilidades jurídicas na reforma migratória brasileira. (Doutorado) Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Direito, Estado e Constituição da Universidade de Brasília. Sociologia. Brasília, 2017.

⁶ WARNER, R.S.; WITTNER, J.G. (Ed.) *Gatherings in Diaspora. Religious, Communités and New Immigration*. Philadelphia: Temple University Press, 1998.

vínculo religioso⁷, identidade e cidadania⁸, redes de contato⁹, a visibilidade e invisibilidade de imigrantes não documentados ou ilegais¹⁰, as implicações políticas e afetivas do exílio¹¹ e o aprendizado da língua nativa em contexto multicultural¹². São questões que têm continuidade no tempo presente à medida que traduzem dinâmicas de conflitos ainda encastrados na realidade.

Ao contrário do que se pode pensar, o endurecimento do controle das fronteiras que dão acesso aos Estados Unidos e a países europeus na última década, os destinos mais procurados por emigrantes e refugiados, não interrompeu a mobilidade de trabalhadores de economias pobres para mercados de trabalho nacionais mais promissores e países que acolham populações vítimas de guerra, perseguição étnica etc. Assim, Estados Unidos e Alemanha permanecem com quase 1/3 do contingente de imigrantes, algo em torno de 63,7 milhões de pessoas de um total de 272 milhões.¹³

Ao mesmo tempo, essa imigração acontece conjugada com as ofertas de trabalho em países como o Brasil. Haitianos, por exemplo, percebem vantagens nas relações de trabalho no Brasil comparativamente às que viveram no Haiti. O fato de conseguirem uma ocupação formal que dá direito a pagamento mensal sem atraso é visto como positivo. Eles encontram tais condições na cadeia de industrialização da carne, particularmente em frigoríficos. É o lugar onde mais se empregam, uma evidência que reforça as conexões entre a imigração e a internacionalização do capital uma vez que a indústria da carne é inteiramente globalizada.¹⁴ Pode-se dizer que uma das características estruturais da imigração para o capital permanece sendo ampliar a oferta de trabalho barato.¹⁵

⁷ MAHLER, S.J.; REY, T.; STEPICK, A. (Ed.) *Churches and Charity in the Immigrant City*. Religion, Immigration, and Civic Engagement in Miami. New Brunswick: Rutgers University, 2009.

⁸ PORTES, A.; RUMBAUT, R. *Immigrant America. A Portrait*. Berkeley: University of California Press, 2006.

⁹ POROS, Maritsa. *Modern Migrations*. Ujarati Indian Networks in the New York e London. Stanford: Stanford University Press, 2011.

¹⁰ GENOVA, N.P. Migrant “Illegality” and Deportability in Everyday Life. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 31 (2002), pp. 419-447. Disponível <http://www.jstor.org/stable/4132887> Acesso 21 jul. 2019.

¹¹ SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2019. [e-book]

¹² DUBORD, Elise M. *Language, Immigration and Labor*. New York: Palgrave Macmillan, 2014; PORTES, A.; RUMBAUT, R. *Legacies: the story of immigrant second generation*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2001.

¹³ IOM. Word Migration Report. International Organization for Migration. Geneva: Switzerland, 2020. https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/wmr_2020.pdf. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

¹⁴ BOSI, A.P. Dos Açougues aos Frigoríficos: Uma História Social do Trabalho na Produção de Carne, 1750 a 1950. *Revista de História Regional*, v. 19, p. 83-103, 2014.

¹⁵ PORTES, A.; WALTON, J. International Migration: Conditions for the Mobilization and use of Migrant

A esse respeito, Saskia Sassen argumenta que tem havido novas zonas de investimento do capital no setor industrial e no setor de serviços desde os anos 80 cujos desdobramentos no mercado de trabalho geram ocupações (principalmente não qualificadas) e a necessidade de mão-de-obra. São postos de trabalho “adequados” para imigrantes haitianos e africanos. Devido também a essa mobilidade do capital os corredores trafegados no Sul Global não só se mantêm ativos como se avolumam.¹⁶ Portanto, quando é dito que a migração voluntária é uma escolha cabe vinculá-la antes a um quadro de determinações econômicas e políticas que é independente da vontade dos imigrantes.

Teórica e metodologicamente, isso significa que os imigrantes entrevistados nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná traduzem suas experiências com os agentes do Estado brasileiro, com os empregadores, com diretores e professores das escolas de seus filhos, com os agentes de saúde etc., a partir de suas crenças e valores que orientam seus julgamentos e organizam seus pensamentos e ações. Sobre isso, Edward Thompson¹⁷ chamou atenção para a importância da moral, da ética e dos costumes dos trabalhadores na validação ou contestação de evidências que configuram as relações entre capital e trabalho: *A remuneração paga é justa? O tratamento recebido é respeitoso?* De modo mais geral, trata-se de compreender como eles lidam com sua condição de subalternos fora de seus países de origem.

Nesse sentido e contexto, a condição de imigrante se define quando eles procuram emprego, quando tentam alugar uma casa, quando tentam se comunicar em português, quando não encontram a comida a que estão habituados a comprar e comer, quando organizam festas e ouvem suas músicas, quando são olhados com curiosidade, quando são hostilizados e quando são acolhidos. Interpretar, aceitar, estranhar, rejeitar, resistir são verbos empregados em condições de ambivalência. Se aceita, perde alguma coisa de si. Se rejeita, fica isolado. Assim, além de considerarmos que os grupos de haitianos e africanos ouvidos se estruturam (e devem ser estudados) às custas dessa dinâmica eivada de *afetos*, cabe igualmente tratar essas situações de contato

Labor under World Capitalism. In *Labor, class and the International System*. Studies in Social Discontinuity. New York, London, Toronto, Sydney, San Francisco: Academic Press, 1981. pp.21-65.

¹⁶ SASSEN, Saskia. *The mobility of labor and capital. A study in international investment and labor flow*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. SASSEN, Sakia. Three emergente migrations: a epochal change. In *SUR, International Journal of Human Rights*. 23-v.13, n.23, 2016. SASSEN, Saskia. *Expulsões. Brutalidade e complexidade na economia global*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

¹⁷ THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria. Ou um planetário de erros*. Editado por Copyleft, 2009.

com os nativos (remotas ou não) como pontos que podem esclarecer as tensões e as distâncias (em relação ao outro) vividas por eles. É o objetivo deste artigo.

A escalada da migração internacional no Mundo e no Brasil durante o século XXI

Em sua maioria os trabalhadores imigrantes nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná são haitianos, ganenses, somalis, senegaleses, serra-leonenses e Bengaleses, muitos deles evangélicos ou vinculados ao islã. Chegaram ao Brasil no início do século XXI trazendo densas experiências de viver e trabalhar de seus países de origem. Por esse motivo, os percursos desses imigrantes não começaram quando eles buscaram o Brasil ou outro país para escapar à miséria. Suas histórias são histórias de trabalhadores antes de serem histórias sobre a imigração.

Relatório da ONU de 2020 divulgou aumento de 51 milhões de imigrantes no período de 2010 a 2019. Em 2019, os imigrantes representaram 3,5% da população mundial. Em 2000, eles eram 2,8%.¹⁸ Se somarmos as migrações inter-regionais e interestaduais de países nos quais é possível medi-las, o resultado endossa o argumento de que trabalhadores migram o tempo todo. Sobre imigrantes ilegais (não documentados) a OIT estima que atualmente haja 258 milhões de imigrantes, incluídos nesse número 19 milhões de refugiados. Os imigrantes trabalhadores (a partir de 15 anos de idade) constituem 234 milhões desse grupo, e são 4,2% da classe trabalhadora mundial (também a partir de 15 anos de idade).

A tabela 1 sistematiza o desempenho da imigração mundial no período de 1970 a 2019. Chama atenção o fato de o aumento de migrantes internacionais verificado ser contínuo e a evolução numérica e percentual indicar que se trata de uma questão do tempo presente. Em meio século, a relação de imigrantes face a população mundial subiu de 2,3%, em 1970, para 3,5%, em 2019.¹⁹

¹⁸ UNITED NATIONS. Total international migrant stock. Department of Economic and Social Affairs. 2019. Disponível em <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>. Acesso 12 out. 2021.

¹⁹ IOM. International Organization for Migration. **World Migration Report of 2022**. 17 route des Morillons P.O. Box 17, 1211 Geneva 19. Switzerland, 2023. Disponível em https://publications.iom.int/system/files/pdf/WMR-2022-EN_1.pdf. Acesso 12 mar. 2023.

Tabela 1 – Evolução da população de Imigrantes (1970-2020)

	População de Imigrantes	População Mundial
1970	84,460,125	2.3%
1975	90,368,010	2.2%
1980	101,983,149	2.3%
1985	113,206,691	2.3%
1990	153,011,473	2.9%
1995	161,316,895	2.8%
2000	173,588,441	2.8%
2005	191,615,574	2.9%
2010	220,781,909	3.2%
2015	248,861,296	3.4%
2020	280,598,105	3.6%

Fonte: World Migration Report. (organização de Antonio Bosi)

É importante acrescentar a essa linha ascendente e pouco interdita as rotas percorridas pelos imigrantes. Por diversas razões que cabem à pesquisa apurar e aprofundar, os trajetos vistos em larga escala trafegam majoritariamente na direção Sul-Norte e Sul-Sul. Esta divisão geográfica segue critérios econômicos e políticos.

O Sul do globo, ponto de partida dos migrantes internacionais, é formado por cinco regiões ocupadas por países caracterizados, principalmente, por grande desigualdade social, expressivos extratos da população em situação de miséria, baixo PIB per capita e economia vulnerável. São elas África, Américas (excluindo a América do Norte), o Caribe, Ásia (excluído o Japão) e Oceania (excluídas Austrália e Nova Zelândia). 137 países compõem essas regiões, e 49 desses são listados como “países menos desenvolvidos”.²⁰ Todos os imigrantes sediados no Oeste e Sudoeste paranaense que estão circunscritos nessa proposta de pesquisa emigraram de algum país do Sul Global: Gana, Senegal, Serra Leoa, Somália, Nigéria, Bangladesh, Guiné-Bissal e Paquistão. Embora o Haiti esteja no Caribe, suas características econômicas se assemelham ao sul global.

²⁰ BEKEWELL, O. South-South Migration and Human Development: Reflections on African Experiences. United Nations Development Human. April 2009.

A experiência de trabalhadores que entrevistamos integra a dinâmica das migrações internacionais retratada na tabela 1 e o predomínio do sentido Sul-Sul verificado nos últimos 20 anos.²¹ O principal motivo que explica essa mudança deve-se ao fechamento, completo ou parcial, por curtos ou longos períodos, das fronteiras de países tradicionalmente preferidos por imigrantes. É o caso dos Estados Unidos (18,5%), Itália (2,3%), Alemanha (4,8%), Inglaterra (3,5%) e França (3,1%) que, juntos, concentram 1/3 do total de migrantes internacionais na aferição das Nações Unidas para o ano de 2020.²²

No caso do Brasil, as três principais origens de migrantes internacionais configuraram corredores consolidados nas duas últimas décadas a partir da Venezuela, Haiti e Bolívia, expressos na tabela 2. A presença de imigrantes vindos do Haiti se torna relevante depois do terremoto de 2010. Já os venezuelanos e bolivianos trafegam há mais tempo para o Brasil. Diferentemente dessas experiências, a diáspora africana recente não demonstra o mesmo vigor numérico de modo que ela ocupa linhas inferiores nessa tabela.

Tabela 2 – População que mais migra para o Brasil, 2000-2020

País de Origem	2000-10	2012	2014	2016	2018	2020
Venezuela	3.809	956	1.112	943	32.245	24.164
Haiti	275	4.278	10.669	42.423	14.214	8.925
Bolívia	45.736	16.275	7.102	6.135	7.851	1.047

Fonte: Sismigra, 2021. (Organização do autor)

Existem candidatos potenciais para migrar de países da África. Nesse início de século são aproximadamente 400 milhões de africanos pobres sob condições em que o desemprego é estrutural, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) apresenta números muito baixos, a expectativa de vida em torno de 62 anos, com mais da metade dessa população vivendo abaixo da linha da pobreza. Em 2017, havia 36,3 milhões de imigrantes africanos distribuídos no mundo. Aproximadamente 100 mil se encontravam na América Latina e Caribe, a última escala na preferência de africanos que migram.²³ Essa

²¹ AWAD, I.; NATARAJAN, U. Migration Myths and Global South. *The Cairo Review of Global Affairs*. (30): 46-55. Cairo: The American University in Cairo, 2018.

²² UNITED NATIONS. Total international migrant stock. Department of Economic and Social Affairs. 2019. Disponível em <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>. Acesso 12 out. 2021.

²³ BOMTEMPO, D.C.; SENA, K.B.P. Migração internacional de africanos para o Brasil e suas territorialidades

característica acentua a importância de africanos no campo pesquisado, principalmente na região Sudoeste do Paraná, onde trabalham majoritariamente no frigorífico da BRF manuseando carne halal.

A trajetória de um imigrante entrevistado representa essa conjuntura. O senegalês Omar mora em Francisco Beltrão (Sudoeste do Paraná) e trabalha no corte da carne halal no frigorífico da BRF. Seu plano era migrar para Itália, onde seu pai viveu parte da vida como imigrante. O irmão mais velho de Omar seguiu o pai quando se tornou adulto e serviria como suporte para o caçula. Isso foi em 2014, quando a Itália aumentou as restrições a imigração, frustrou seus planos e fez com que ele remanejasse suas expectativas para o Brasil. Omar soube que havia emprego em frigoríficos e que trabalhadores mulçumanos recebiam salários maiores para manusear carne halal, destinada a exportação. Ele viajou até o Peru e de lá foi para o Brasil, onde cruzou a fronteira para o Acre. Ali, permaneceu duas semanas em um acampamento para refugiados até tomar um ônibus para o Sul do país. Tratava-se de ônibus agenciado indiretamente por frigoríficos, uma prática comum para recrutar imigrantes e que o levou até a cidade de Maringá, na região Norte do Paraná, onde trabalhou por pouco tempo no frigorífico da GTFoods. Antes de chegar em Francisco Beltrão/PR, onde mora atualmente, ele trabalhou em duas cidades, também no corte da carne de frango.

Omar saiu do Senegal porque não conseguia alimentar a si e sua família na combatida economia senegalesa. Tais motivos também levaram seu irmão mais velho a migrar, e antes dele o pai. Migrar é quase uma tradição para a família de Omar e para muitos senegaleses. Pode-se dizer ainda que para trabalhadores como ele, o irmão e o pai, permanecer no Senegal é mais difícil do que emigrar. Buscam outros lugares porque se sentem pressionados por razões econômicas em que habitam compromissos afetivos, valores morais que implicam responsabilidades com a família, sentimentos de impotência, experiências que denegam o direito a ter expectativa. Por isso, quando ele se muda para Itália ou Brasil, o dinheiro ajudaria a sustentar sua família deixada no Senegal e faria a diferença entre a fome e a sobrevivência. Em 2014, quando ele começou a trabalhar no frigorífico da BRF, as primeiras remessas que fez para a mãe somaram-se a outras de diversos países correspondendo a 9,7% do PIB senegalês. Em 2020, o dinheiro de imigrantes enviado para o Senegal foi

no estado do Ceará. *Geografães* [Online], 33. 2021. Disponível: <http://journals.openedition.org/geografaires/3379>. Acesso 17 abr. 2022.

de 10,2% do PIB.²⁴ Omar pretende continuar em Francisco Beltrão/PR, ainda que alimente a possibilidade de migrar para os Estados Unidos.

Omar integra o aumento acelerado da presença de migrantes internacionais no Paraná notado desde o início do século XXI. A despeito de os dados encontrados sobre isso apresentarem pequenas variações entre as fontes que os informam, tais como o OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais) e o CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), não existe discrepância quando se trata de evidenciar tendências da migração internacional. Todas as fontes disponíveis identificadas apontaram contínuo crescimento na entrada de imigrantes no Paraná e permanente saldo líquido mensurado anualmente desde 2001. Nessa condição, o Paraná aparece entre os cinco estados que mais receberam imigrantes desde 2010, embora sejam dados estatísticos, cujas fontes são oficiais, e, por isso, não capturam uma fração da quantidade de imigrantes que é difícil de estimar.²⁵ Mas é fato que Omar está entre eles.

O Paraná é também o estado que tem registrado o maior número de haitianos emigrados com carteira assinada, principalmente os que emigraram depois do terremoto de 2010. Em 2011, havia no Paraná o registro de apenas 6 haitianos com vínculo formal de trabalho. Em 2012, os haitianos eram 778, passaram a 3.221 em 2013, e 6.647 em 2014, um aumento, todavia conjuntural, de mais de 1.774 vezes em apenas 4 anos.²⁶ A atualização desses números para o ano de 2019 indica que o Paraná reúne aproximadamente 15% dos haitianos com registrados ativos, abaixo apenas do estado de São Paulo.

A maior parcela de haitianos que chega ao Paraná ainda busca por Curitiba. O segundo destino é a região Oeste do estado.²⁷ Cerca de seis mil haitianos residem na região, algo próximo de 5% dos haitianos que estão no país. A maioria desses seis mil haitianos trabalham em frigoríficos. São oito plantas industriais de abate e desmonte de carne no Oeste e Sudoeste, com destaque para três frigoríficos localizados em Cascavel/PR e um em Francisco Beltrão/PR. No caso de Cascavel/PR, em 2019 os três frigoríficos contrataram

²⁴ WORLD BANK. Remittance Inflows to GDP for Senegal. Global Financial Development. 2021. Disponível <https://fred.stlouisfed.org/series/DDO111SNA156NWDB#>. Acesso 4 dez. 2021.

²⁵ OBMIGRA. Relatório Anual 2020. Observatório das Migrações Internacionais. 2020. Disponível <https://portaldeimigracao.mj.gov.br>. Acesso 14 fev. 2021.

²⁶ OLIVEIRA, M. et.al. Política Migratória e Universidade Brasileira: a experiência do atendimento a haitianos e outros migrantes na UFPR. *Périplos. Revista De Estudos Sobre Migrações*, 1(1), 73–91. Disponível: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/

²⁷ BAENINGER, R. et al. (Orgs.) *Imigração Haitiana no Brasil*. São Paulo: Paco Editorial, 2016.

em conjunto 1.160 haitianos, o que elevou a cidade à segunda posição nacional, atrás apenas de Chapecó/SC. Proporcionalmente, Cascavel/PR tornou-se responsável por cerca de 15% dos haitianos mobilizados em frigoríficos no país.²⁸

Já podemos desacelerar esse percurso narrativo feito sobre fontes estatísticas uma vez que ele se mostra suficiente para corroborar o Brasil como um destino para trabalhadores estrangeiros e as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná como pontos importantes de paragem para haitianos e africanos que têm buscado sobreviver fora de seus países. Interessa agora conhecer mais de perto trajetórias de imigrantes como Omar, que traçaram suas expectativas sob pressões econômicas difíceis de suportar.

Os que vão e os que ficam

Há um imaginário ainda bastante ativado nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná sobre ser terra originalmente ocupada por estrangeiros. É comum encontrar homens e mulheres paranaenses que se identificam como “alemães”, “italianos” ou “polacos”, por exemplo. Na verdade, seus avós, bisavós ou tataravós emigraram de regiões da Alemanha, da Itália e da Polônia para o extremo Sul do Brasil (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) onde compraram glebas de terra denominadas “colônia” para atividades de agropecuária. Ali deram formato a distritos (tornados municípios) criados em meados do século passado, tais como Toledo/PR, Marechal Cândido Rondon/PR, Palotina/PR, Francisco Beltrão/PR, dentre outros. Mas tal narrativa é expressão de dois mitos.

O primeiro, defende a ideia de que esse lugar era um não-lugar, um vazio demográfico. Por princípio (e não por desconhecimento), esta tese desconsidera e apaga a presença de indígenas e caboclos que têm uma história anterior a desses imigrantes. O segundo mito, harmoniza a chegada desses mesmos imigrantes às regiões onde hoje estão formados o Oeste e Sudoeste sustentando que o Estado do Paraná (seus aparatos estatais) acolheu e acolhe estrangeiros diligentes com vocação para o trabalho, supondo que esse tenha sido o *espírito* que impregnou e motivou *todas* as famílias (de descendência estrangeira) que emigraram do extremo Sul. Nesse caso, a etnia funcionaria como caução para boa índole e prestimosidade. Existe vasta historiografia bem documentada produzida nos últimos trinta anos que problematiza o primeiro

²⁸ RAIS. Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e do Emprego. Disponível em <http://www.rais.gov.br/> Acesso 09 jan. 2020.

mito e desacredita a história da colonização das regiões Oeste e Sudoeste evidenciando presença humana anterior. Desnecessário mencioná-la aqui.

Entretanto, no que se refere ao segundo mito, a imigração tem sido majoritariamente abordada como um fato bíblico, bastante afastado no passado, com enredos fascinantes, finais espetaculares, elenco formado apenas de descendentes europeus, todavia personagens sem complexidade. Haitianos e africanos não são considerados imigrantes típicos do Paraná, iguais a italianos, alemães e poloneses que franquearam suas raízes culturais residuais do século XIX em festas, danças e línguas. Para usar um conceito apropriado de Raymond Williams, a presença de haitianos e africanos percebida e problematizada em termos culturais pode ser lida como *emergente* porque é razoavelmente recente e, o mais importante, tem força para descobrir formas de se impor, embora não seja alçada pelas classes dominantes a função cultural e política igual a que é desempenhada pela presença mitológica de “alemães” e “italianos”, principalmente.²⁹ Por isso, quando emigram para cá, haitianos e africanos reivindicam uma história vivida em seus países de origem sem se descuidarem da experiência em terras brasileiras. Vejamos isso mais de perto.

A principal razão que transformou Omar em imigrante é econômica, ou pode ser explicada se resumida às demandas tipicamente financeiras. Fora do país de origem, trabalhadores esperam conseguir trabalho considerado decente, remunerado o suficiente para o aluguel, a comida e a remessa de quantias regulares para a família ou para dependentes que ficaram. Saúde é um caso à parte uma vez que a gratuidade quase única do Sistema Único de Saúde e das Universidades Públicas no âmbito do globo surpreende os imigrantes. Mas são dois elementos que não ganham lugar preferencial no radar dos imigrantes haitianos e africanos com os quais trabalhamos. A possibilidade de realizar remessas financeiras é um dos principais pontos que fomenta a experiência da migração internacional e não há novidade nisso, senão o que de fato esse expediente representa para suas famílias, seus países e para si mesmos.

Este tópico é regularmente acompanhado por instituições internacionais e estudos acadêmicos, particularmente porque elas representam uma boa parcela do PIB de países como o Haiti, o Senegal e Serra Leoa, por exemplo. No período de 1970 a 2019, numa escala de cinco anos, o total de remessas em dólar americano feitas por imigrantes para seus países de origem aumentou de 1,9 bilhão de dólares para 656,4 bilhões de dólares. No período correspondente

²⁹ WILLIAMS, Raymond. Dominante, Residual e Emergente. In *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

à Covid-19 as remessas diminuíram, mas voltaram a crescer em 2023, com estimativa publicada em 2023 no “World Migration Report 2022”.³⁰ Esse ponto está representado em detalhamento na tabela 3.

Tabela 3 – Evolução das remessas pessoais recebidas no mundo (1970-2023)

Ano	Recebimento em bilhões de U\$
1970	1,9
1975	10,2
1980	37,0
1985	35,8
1990	68,4
1995	94,5
2000	121,7
2005	253,1
2010	419,4
2015	568,2
2019	656,4
2023*	656,1

Fonte: WORLD BANK, 2023

*Valor estimado

O fato é que todos os países onde nasceram os imigrantes entrevistados dependem muito das remessas. Considerado o ano de 2018 é o caso de Bangladesh, que recebeu 5,67% do PIB em remessas. Gana recebeu 5,37%, Guiné-Bissau recebeu 8,7%, Paquistão recebeu 6,73% e o Senegal de Omar recebeu 10,44%. Em 2020, o Haiti recebeu o equivalente a 22% de seu PIB, o terceiro maior percentual na América Latina.³¹

Essas remessas financeiras são item relevante no sumário da agenda dos organismos internacionais que monitoram as migrações porque sustentam

³⁰ IOM. International Organization for Migration. **World Migration Report of 2022**. 17 route des Morillons P.O. Box 17, 1211 Geneva 19. Switzerland, 2023. Disponível em https://publications.iom.int/system/files/pdf/WMR-2022-EN_1.pdf. Acesso 12 mar. 2023.

³¹ WORLD BANK. Remittance Inflows to GDP for Senegal. Global Financial Development. 2021. Disponível <https://fred.stlouisfed.org/series/DDO111SNA156NWDB#>. Acesso 4 dez. 2021.

aproximadamente um bilhão de pessoas no planeta. Elas têm crescido desde a década de 1970 a despeito de conjunturas adversas. A “International Organization for Migration” estima que mais de 50% das remessas vão para áreas rurais onde 75% da população pobre e caracterizada pela insegurança alimentar vive e que tais recursos são utilizados para comprar comida e pagar despesas com habitação, educação e saúde. São indicadores importantes que ajudam a esclarecer e explicar impactos sociais, políticos e econômicos da migração internacional (lembrando que a lógica da remessa financeira também funciona em escalas regionais) para a economia de países pobres (e alguns considerados em desenvolvimento, como é o caso do México).

Contudo, como indicamos na introdução, podemos nos apoiar nesse material e entrosá-lo com as experiências vividas e contadas pelos imigrantes e aprofundar a questão sob uma perspectiva histórica. É verdade que se decide emigrar sob pressão econômica, mas se trata de um ato determinado por afetos, por laços emocionais com a família, por uma forma cada vez mais recorrente de resistir a pobreza. Poupar uma parte do salário para enviar à família distante milhares de quilômetros é um ato de afeto, de solidariedade.

Não desprezamos o fato de as remessas serem feitas para saldar dívidas da viagem uma vez que quitados os empréstimos o envio de dinheiro tende a continuar com frequência ou em situações pontuais para pagar contas de hospital, funerárias etc. A partida do imigrante parece não ser definitiva, pois deixa-se um passivo financeiro e afetivo a recuperar. Ainda sobre isso, Edward Said observou que “às vezes, o exílio é melhor do que ficar para trás ou não sair: mas somente às vezes.”³² (SAID, 2019) Ele disse também, e essa é uma chave de análise relevante, que a imposição da distância física e emocional vivida pelo imigrante é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”. Estar longe de casa é uma interdição, mesmo quando novos laços de pertencimento são estruturados no país estrangeiro. Por isso, quando avaliamos os sentimentos de desterro, de distanciamento físico da família, dos amigos e dos lugares que dão suporte à memória, percebemos que as balizas que distinguem o exilado do emigrado são tênues.

Jaber Ahmed é um bengali que trabalha no corte da carne halal no frigorífico da BRF, localizado na cidade de Francisco Beltrão/PR. Entrevistado em 2021, perguntamos sobre como funciona a remessa que faz mensalmente. Ele explicou que envia dinheiro para o irmão e a mãe, sua família em Bangladesh.

³² SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2019. [e-book]

“Eu sempre por mês ajuda lá.” Ele argumenta que até 2013 “aqui muito bom aqui. A economia do Brasil tava muito bom quando eu cheguei. Quase, eu acho, dois real aquele um dólar. Agora... cinco real por um dólar, eu acho.” Jaber compreende o funcionamento do câmbio flutuante. Sabe também que essa política atinge imigrantes como ele. “Esse problema não é nosso, Bangladesh. Todos os estrangeiros aqui no Brasil tá sofrendo muito. Porque todos mês eles precisam mandar lá... nesses país, África, Bangladesh, Índia, Paquistão, arabianos, qualquer coisa... todos.”

Apesar de tudo isso, Jaber não cogita emigrar novamente em circunstâncias ilegais que poderiam levá-lo a deportação. Prefere enviar menos dinheiro para Bangladesh e ficar no Brasil, empregado no frigorífico. Sua permanência no país, até quando puder, se conjuga com o medo de ser deportado para Bangladesh caso outra tentativa de migração fracasse e não possa mandar dinheiro para a mãe. Nesse ponto, trabalho e afeto se encontram.

O haitino Gerson é um personagem importante na articulação de grupos de haitianos no Oeste do Paraná. Quando ele morou em Cascavel/PR com sua família (mulher e uma bebê) até o começo de 2022, seu entusiasmo e engajamento garantiu o funcionamento de duas turmas de alfabetização em língua portuguesa para haitianos. Os alunos demandavam falar e entender diálogos básicos para entrevistas de emprego, comprar em supermercados, responder às autoridades brasileiras e, principalmente, conseguir a documentação na Polícia Federal para permanência no país.

O curso começou no ano da pandemia, de maneira remota, para uma turma inicial de quatro homens que logo se tornou um grupo de aproximadamente vinte pessoas, homens em número maior do que mulheres. Nessas condições, conseguimos transferir o curso para o campus da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e realizá-lo presencialmente. Acertamos um protocolo com a Polícia Federal para produção e validação de certificados. De 2020 até julho de 2023, certificamos três centenas de haitianos e, recentemente, cubanos e venezuelanos buscaram pelo curso. Mas Gerson se mudou para Toledo/PR, a 40 quilômetros de Cascavel/PR, para trabalhar noutro frigorífico e receber salário maior. Com o semblante sempre sério ele parecia se divertir ao falar dos compatriotas: “Haitiano é difícil”. De fato, haitianos são muito briguentos *entre eles*. Discutem ruidosamente por coisas às vezes banais, mas sem desaguar em contato físico. Todas as muitas vezes que ele utilizada a expressão “haitiano é difícil” soava como um pedido de desculpas feito por polidez. Gerson representou as demandas de seu povo enquanto pôde. E essas

demandas só foram organizadas à medida que ele compreendia também como as coisas funcionavam entre brasileiros. Ele mostrou como transitar nesses dois mundos e conectá-los para o curso de alfabetização desse certo.

Atualmente morando e trabalhando em Toledo/PR, Gerson foi avisado pelo irmão mais novo que sua mãe estava internada num hospital no Haiti. Os parentes de Gerson que ficaram lá não tinham o suficiente para pagar os serviços, e Gerson precisou dinheiro emprestado de uma amiga no Brasil para saldar a dívida. As coisas não melhoraram e sua mãe morreu. Então, Gerson fez novo empréstimo para realizar o velório e o enterro. Ele não pode se despedir da mãe, mas parecia acreditar que aquela última remessa para os cuidados com a mãe selava definitivamente seu compromisso com ela quando emigrou para o Brasil. A filha de Gerson não conheceu a avó. Ela é brasileira porque nasceu aqui. Os valores ela vai herdando de Gerson e a mãe, uma educação metade brasileira, metade haitiana. É como se ela conecta com a avó desconhecida.

O senegalês Bubakar, nascido em 1991 e entrevistado quando tinha 29 anos de idade, acostumou-se no Senegal a uma rotina de ocupações informais, de tempo parcial, assemelhada ao que denominamos de bico. Pode-se ver nesse tipo de trajetória uma tradição à medida que seu pai e familiares trabalharam e trabalham sem contrato formal de trabalho. A dinâmica econômica e populacional que interferem na definição do mercado de trabalho em seu país de origem fez Bubakar emigrar para a região dominada por Dakar, capital do Senegal. Ele saiu de Kébémér, município com menos de 20 mil habitantes onde prevalecem atividades agropastoris e a plantação de hortaliças e amendoim.

Quando conversamos, Bubakar demonstrou uma compreensão bem elaborada de sua história dentro da história de seu país e dentro da economia mundial. O trabalho agropastoril é uma economia de tipo tradicional na África, uma forma produtiva antiga provedora do consumo em países do centro do capitalismo como os Estados Unidos. Amendoins, goma arábica e cera, por exemplo, são mercadorias do Senegal que abastecem mercados externos desde a primeira metade do século XX. Seu lugar na globalização fica na periferia, fornecendo artigos primários para economias dinâmicas a preços baixos, proporcionados pela exploração informal do trabalho.

Nesse sentido, no período em que Bubakar emigrou houve uma diminuição dos empregos assalariados, de 390.420 em 2012 para 300.284 em 2018. Tem sido um tempo de “modernização” do Senegal cuja contrapartida de órgãos internacionais avalistas custou, no mesmo período, a elevação de 2,2% para 4,4% do PIB com pagamentos de juros da dívida externa, transferências

de lucros e dividendos, remuneração de consultores estrangeiros e outras despesas de igual natureza.³³ Dessa perspectiva, Bubakar também é produto da expansão e dos rearranjos do capitalismo. Culturalmente, ele é um senegalês da etnia wolof, predominante na prática de emigrar. Seu pai, Bassirou, migrou para a Itália no fim dos anos 1990 e financiou a emigração do filho mais velho em 2007, que financiou a vinda de Bubakar para o Brasil em 2015, dada as dificuldades de levá-lo para a Europa. E a família vai se mantendo assim, geograficamente dispersa e distante, mas com seus compromissos afetivos fortalecidos.

Do Senegal também há registros de outras etnias que emigraram para o Brasil neste século. Esse é o caso do senegalês Diallo. Pertencente a etnia fulani (*peuls*), Diallo vivia com a família em Dakar, a capital. Trabalhava como soldador para uma empresa de portas e portões de ferro, até receber algum dinheiro deixado de herança pelo pai. Como filho mais velho, “chama miraz, o primeiro filho do pai. Por exemplo, se meu pai faleceu todo dinheiro dele ele dava, Xeique vai ver, divide [...] Aí eu deixei lá e falei pra minha mãe: ‘vou viajar’”. A herança do pai implica também a responsabilidade de sustentar a família. Para Diallo, trata-se de uma dívida moral e afetiva que se fortalece no rito ao qual a migração aparece como componente principal: “Essa de sair pra longe é pra ajudar nossa família. Meu avô cuida de meu pai, depois meu pai cuida do meu avô, depois meu pai me cuida, depois eu cuida do meu pai”.

Seguindo costumes antigos incorporados pelo Islã sincretizado, Diallo comprou passagens para migrar até Guayaquil, no Equador, e de lá atravessar a fronteira com a Bolívia e Peru e seguir para o Brasil. Isso aconteceu em 2016. Os módicos salários e a falta de expectativa no Senegal funcionaram como estressores para Diallo, fazendo-o percorrer um caminho realizado por amigos e conhecidos desde os primeiros anos da segunda década deste século. Ao mesmo tempo, a pressão demográfica da capital, responsável por 22% da população total, e 53% da população urbana, distribuída em uma área que corresponde a 0,3% do território nacional, impõe dura realidade à população local: a migração como meio de manutenção dos vínculos com o lar e com a família.

Sayad ajuda a entender e a explicar a experiência de Diallo quando se refere a imigrantes como ele dizendo que eles se constituem em um fenômeno de “dupla ausência”.³⁴ Para *ser* na África precisa *estar* no Brasil. Esse sentimento

³³ TEDESCO, J. C. (Org.) *Imigrações senegalesas: múltiplas dimensões*. Vol II. Porto Alegre: ETS Edições, 2019.

³⁴ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: USP, 1998.

pode ser traduzido pela expressão: “Não vim aqui para perder tempo, vim para ajudar minha família”. A migração para o exterior passou a ser não só parte de um “fluxo migratório” em busca de emprego, mas também a confirmação de valores e costumes que migrantes como Diallo carregam consigo. Este tipo de relação parental e de obrigação tradicional também aparece em trajetórias iguais a do ganês Issa.

Ele nasceu em Gana, na cidade de Kumasi em 1980. Issa pertence a comunidade muçulmana e ao grupo étnico hauça em localidade predominantemente marcada pela tradição *asante*.³⁵ Na infância viveu entre duas cidades, Kumasi e Atebubu, no Sul do Gana. Ele costumava seguir o pai que se deslocava numa típica sazonalidade de empregos, intercalando-se entre mercados regionais. Geralmente, seu pai ia de *Kejetia Market*, onde fazia bicos de vendedor, até as carvoarias de Atebubu, e retornava. Quando Issa perdeu o pai ainda jovem, a mãe se tornou arrimo da família vendendo hortaliças e peixes secos no mercado central ao longo da estrada de ferro, a mesma ferrovia onde o pai trabalhou para os ingleses “brancos” na década de 1970. Pouco tempo depois do falecimento do pai, Issa tornou-se marceneiro. O pouco que ganhava como montador de móveis tipo *plywood*, somado ao rendimento das vendas da mãe na feira, era insuficiente para pagar o aluguel onde moravam com mais cinco irmãos e dois filhos menores. Essas condições levaram Issa a deixar Kumasi e projetar em rotas migratórias a possibilidade de sobrevivência fora de Gana.

Nos primeiros anos deste século, Issa tentou emigrar para Espanha e para os Estados Unidos, sem sucesso devido ao endurecimento das leis (anti) migratórias que atingiram inclusive imigrantes refugiados. Em 2009, foi para São Paulo. Naquele ano, conseguiu visto de permanência no país e engajou-se em ocupações pouco atrativas e precárias como as de empacotador em supermercados, na construção civil e em indústrias frigoríficas de certificação de carne halal. Todavia, foi nessas condições que sua mãe conseguiu construir uma casa no Gana usando o dinheiro que ele enviou a ela mensalmente. Por certo há um preço afetivo a ser pago. Issa precisa renunciar ao seu país, ao seu lugar, à proximidade da família. É de longe que ele compartilha a felicidade da mãe e dos seus filhos.

³⁵ Por *asante* compreende-se grupo de pessoas com passado comum de migração do Sahel para o sul da floresta africana equatorial entre os séculos X e XIII, onde atualmente localiza-se a cidade de Kumasi. Os *asantes* ocupam 1/3 do território total de Kumasi e determinam a hegemonia cultural sobre a minoria muçulmana.

Considerações Finais

As heranças trazidas pelos imigrantes têm grande importância para eles e para nós. É um recurso por meio do qual eles se identificam longe de seu país (ou para que não tenham sua identidade degradada). Para quem olha de fora, como é o nosso caso, as heranças são material de pesquisa para ajudar a entender o que há de história nessa imigração do tempo presente e responder a questões como: por que eles saem de seus países? Quais compromissos com a família são estabelecidos para as remessas periódicas de dinheiro? Como se percebem no Sudoeste e Oeste do Paraná? Como e em que sentido são assimilados? Que história eles têm para contar depois de deixar seus países?

Ao mesmo tempo, eles enfrentam uma enorme área de sombra, igual a enfrentada por muitos trabalhadores de diversos lugares no mundo. Podem viver suas vidas sem protestar contra situações parecidas, ou podem reagir e mudar as condições de pressão e temperatura que os afetam. Nem luz nem escuridão. Será sempre uma escolha difícil para os trabalhadores, e depende de como eles tratam as experiências vividas, que avaliação fazem do capitalismo e que valores informam suas interpretações e decisões. Dito de outra forma, a questão aqui discutida (que mantemos como hipótese) é *como* os trabalhadores decifram essa escuridão.³⁶

Por fim, as percepções dos que vão e dos que ficam têm pontos em comum. A escolha normalmente é para que as coisas melhorem lá e cá. Assim, nossos entrevistados disseram endereçar parcela de seus salários para suas famílias que ficaram em seus países de origem. Ambos não cortam seus laços com a África nem com o Haiti. Esses laços afetivos (embora disformes) são objeto da pesquisa. Paralelamente, cabe pensar que os africanos e haitianos abordados aqui chegam ao Sudoeste e Oeste paranaense com pouco ou nenhum dinheiro, minguados pertences pessoais, expectativa e medo, depois de cumprirem um longo percurso cheio de perigos reais e imaginários. Suas expectativas mais comuns almejam emprego, comida, lugar para morar e a possibilidade de dividir o salário com a família que ficou. Eles chegam *sem nada* e, nesse sentido, chegam numa condição semelhante à de muitos brasileiros. A preposição essencial “sem” expressa a rotina de trabalhadores pobres no Brasil. Sem-terra, sem teto, sem emprego, sem escola, sem dignidade, sem respeito, sem proteção, sem saúde e, muitas vezes, sem esperança.

³⁶ MERRILL, M; SCHURMAN, S.J. Toward a general theory and global history of workers'education. *International labor and working-class history*. n.90, fall, 2016, p.5-11.

Referências Bibliográficas

- AWAD, I.; NATARAJAN, U. Migration Myths and Global South. *The Cairo Review of Global Affairs*. (30): 46-55. Cairo: The American University in Cairo, 2018.
- BEAH, Ishmael. *Muito Longe de Casa, Memórias de um menino-soldado*. São Paulo: Cia de Bolso, 2015.
- BEKEWELL, O. South-South Migration and Human Development: Reflections on African Experiences. *United Nations Development Human*. April 2009.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História. Ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOMTEMPO, D.C.; SENA, K.B.P. Migração internacional de africanos para o Brasil e suas territorialidades no estado do Ceará. *Geografafares [Online]*, 33. 2021. Disponível: <http://journals.openedition.org/geografafares/3379>. Acesso 17 abr. 2022.
- BOSI, A.P. Trabalho e Imigração: Os haitianos empregados nos frigoríficos do Oeste do Paraná. *Revista de História Regional*, v. 24, Ponta Grossa: UEPG, pp. 228-252, 2019.
- BOSI, A.P. *Uma história dos trabalhadores nos frigoríficos: regimes fabris e vilas operárias (séculos XVIII ao XX)*. Uberlândia: Navegando, 2021.
- BRASIL. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Ministério do Trabalho e do Emprego. 2021. Disponível: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/servicos/empregador/caged>. Acesso 21 mar. 2022.
- BUONANNO, L. The European Migration Crisis. In DINAN, N. et all. (Eds.) *The European Union in Crisis*. London: Palgrave Macmillan, 2017, pp.100-130.
- CARAGNATO, T.T. ET AL. *Psicanálise, Cultura e Migração*. São Paulo: YM Editora e Gráfica, 2002.
- CARVALHO, J.I.S.L. *Trabalho e Imigração: trabalhadores haitianos em Cascavel-PR (2012-2020)*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2020.
- DE GENOVA, N.P. Migrant “Illegality” and Deportability in Everyday Life. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 31 (2002), pp. 419-447. Disponível <http://www.jstor.org/stable/4132887> Acesso 21 jul. 2019.
- DIEME, Kassoum, *Imigração haitiana e política de acolhimento institucional na cidade de São Paulo: 2010-2015*. (Dissertação). Dissertação de Mestrado submetida

ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. 2016.

DUBORD, Elise M. *Language, Immigration and Labor*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

ERPENBECK, Jenny. *Go, Went, Gone*. Translated by Susan Bernofsky. New York: A New Directions Book, 2017.

EUGENIDES, Jeffrey. *Middlesex*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

JADOTTE, Evans. *International migration, remittances and Labour supply: the case of Republica Haiti*. Research Paper. May 2009. Disponível: <https://ideas.repec.org/p/unu/wpaper/rp2009-28.html>. Acesso: 4 mai. 2018.

FREUD, S. *O Infamiliar e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREDU, S. *O Estranho*. In *Uma Neurose Infantil e outros trabalhos*. Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

HOFFMANN, E.T.A. *O Homem de Areia*. In CALVINO, Ítalo. *Contos Fantásticos do Século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

IOM. *Word Migration Report*. International Organization for Migration. Geneva: Switzerland, 2020. https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/wmr_2020.pdf. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

IOM. *International Organization for Migration. World Migration Report of 2022*. 17 route des Morillons P.O. Box 17, 1211 Geneva 19. Switzerland, 2023. Disponível em https://publications.iom.int/system/files/pdf/WMR-2022-EN_1.pdf. Acesso 12 mar. 2023.

KEATON, T. *Arrogant assimilationism: National identity politics and African-Origin Muslim girls in the other France*. *Anthropology & education quarterly*, p. 405-423, 2005.

LEVI, Primo. *É isso um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MALCOLM, Janet. *A mulher calada. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

MAHLER, S.J.; REY, T.; STEPICK, A. (Ed.) *Churches and Charity in the Immigrant City. Religion, Immigration, and Civic Engagement in Miami*. New Brunswick: Rutgers University, 2009.

- MERRILL, M; SCHURMAN, S.J. Toward a general theory and global history of workers' education. *International labor and working-class history*. n.90, fall, 2016, p.5-11.
- OROZCO, Manuel. Understanding the remittances economy in Haiti. *Inter-American Dialogue*. Paper commissioned by the World Bank. March 15, 2006.
- PEREIRA, F.G. Migrações Internacionais: um estudo sobre trabalhadores imigrantes em Francisco Beltrão/PR (2000-2020). Programa de Pós-Graduação em História. Tese (Doutorado). 2022. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- POROS, Maritsa. *Modern Migrations. Ujarati Indian Networks in the New York e London*. Stanford: Stanford University Press, 2011.
- PORTES, Alejandro. Immigration theory for a new century: some problems and opportunities. *International Migration Review*. (31): 4. Sage Publications, 1997.
- PORTES, A.; WALTON, J. International Migration: Conditions for the Mobilization and use of Migrant Labor under World Capitalism. In *Labor, class and the International System*. Studies in Social Discontinuity. New York, London, Toronto, Sydney, San Francisco: Academic Press, 1981. pp.21-65.
- PORTES, A.; RUMBAUT, R. *Immigrant America. A Portrait*. Berkeley: University of California Press, 2006.
- PORTES, A.; RUMBAUT, R. *Legacies: the story of immigrant second generation*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2001.
- RAIS. *Relação Anual de Informações Sociais*. Ministério do Trabalho e do Emprego. Disponível em <http://www.rais.gov.br/> Acesso 09 jan. 2020.
- RAPOPORT, H. & DOCQUIER, F. *The Economics of Migrants' Remittances*. Discussion Paper No. 1531 March 2005. Bonn, Germany. IZA - Institute of Labor Economics. Disponível <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/21307/1/dp1531.pdf>. Acesso mar. 2018.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2019. [e-book]
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: USP, 1998.
- SASSEN, Saskia. *The mobility of labor and capital. A study in international investment and labor flow*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SASSEN, Sakia. Three emergente migrations: a epochal change. In SUR, International Journal of Human Rights. 23-v.13, n.23, 2016.

SASSEN, Saskia. Expulsões. Brutalidade e complexidade na economia global. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SILVA, J. Por razões humanitárias: cidadanias, políticas públicas e sensibilidades jurídicas na reforma migratória brasileira. (Doutorado) Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Direito, Estado e Constituição da Universidade de Brasília. Sociologia. Brasília, 2017.

SILVA, S.A. Brazil, a new Eldorado for Immigrants?: The Case of Haitians and the Brazilian Immigration Policy. In Urbanities – Journal of Urban Ethnography. Vol. 3, No. 2., November, 2013. Disponível em http://www.anthrojournalurbanities.com/docs/tableofcontents_5/2-Sidney%20Antonio%20da%20Silva.pdf Acesso 12 abr. 2016.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. In FILHO, E.M. Simmel. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

SIMON, Gildas. Geodynamique des Migrations Internationales dans le Monde. Paris: PUF, 1995.

SINGER, Isaac B. Amor e Exílio. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.

TEDESCO, J. C. (Org.) Imigrações senegalesas: múltiplas dimensões. Vol II. Porto Alegre: ETS Edições, 2019.

THOMPSON, E.P. A Miséria da Teoria. Ou um planetário de erros. Editado por Copyleft, 2009.

UNITED NATIONS. Total international migrant stock. Department of Economic and Social Affairs. 2019. Disponível em <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>. Acesso 12 out. 2021.

WILLIAMS, Raymond. Dominante, Residual e Emergente. In Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WORLD BANK. Remittance Inflows to GDP for Senegal. Global Financial Development. 2021. Disponível <https://fred.stlouisfed.org/series/DDOI11SNA156NWDB#>. Acesso 4 dez. 2021.

Artigo recebido para publicação em 29/08/2023

Artigo aprovado para publicação 31/09/2023